



*Flagrante da posse do novo Ministro da Educação e Cultura, Dr. Edgard Santos.
(Texto na página 1)*

CAPES

**BOLETIM INFORMATIVO DA CAMPANHA NACIONAL DE
APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR**



**COMISSÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL
DE NÍVEL SUPERIOR**

Presidente
Edgard do Rêgo Santos
Ministro da Educação e Cultura

Secretário Geral
Anísio Spínola Teixeira

Membros:

- Beatriz Marques de Sousa Wahrlich**
— Departamento Administrativo do Serviço Público.
- Ernesto Luiz de Oliveira Júnior**
— Comissão Nacional de Assistência Técnica.
- Glicon de Paiva Teixeira**
— Comissão Mista Brasil-Estados Unidos.
- Otávio Augusto Lins Martins**
— Conselho Nacional de Pesquisas.
- Joaquim Faria Góes Filho**
— Confederação Nacional da Indústria.
- Francisco Gama Lima Filho**
— Confederação Nacional do Comércio.
- Aldo Batista Franco**
— Banco do Brasil S. A.
- Luís Narciso Alves de Matos**
— Fundação Getúlio Vargas.
- Lourival Câmara**
— Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
- Anísio Spínola Teixeira**
— Ministério da Educação e Cultura.

**CAMPANHA NACIONAL DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL
DE NÍVEL SUPERIOR**

Secretário Geral
Anísio Spínola Teixeira

Diretor Executivo
Adroaldo Junqueira Ayres

Diretor de Programas
Almir de Castro

Avenida Marechal Câmara, 160 — 8º andar — C. Postal
5158 — End. Teleg. EDCAPES — Rio de Janeiro — Brasil
Telefone: 52-9072

NOVO TITULAR DA EDUCAÇÃO E CULTURA

NO dia 7 deste mês, no auditório do Palácio da Educação, realizou-se a cerimônia de transmissão do cargo de Ministro de Estado da Educação e Cultura ao seu novo titular, Prof. Edgard Santos. Entre as personalidades presentes destacavam-se os Srs. General Caiado de Castro, Chefe da Casa Militar da Presidência da República; Ministro Vicente Ráo, das Relações Exteriores; Ministro Oswaldo Aranha, da Fazenda; Ministro Zenóbio da Costa, da Guerra; Ministro Mário Pinotti, da Saúde; Deputado Nereu Ramos, Presidente da Câmara dos Deputados, além vários professores, diretores de instituições educacionais e diversos representantes de entidades culturais do País.

Após usarem da palavra o Dr. Gilson Amado, Chefe do Gabinete do Dr. Antônio Balbino, a quem coube a transmissão do cargo, e os Srs. Orlando Gomes, Carlos Chagas. E. Faruqui e Deolindo Couto, discursou o novo titular da Pasta, destacando-se de sua oração os seguintes trechos:

“A Universidade moderna, voltada para a inquietação espiritual de todos os povos, não se pode confinar — alheia à função existencial do saber — nos limites, que muitos pretendem intransponíveis, do puro ensino e da investigação tecnológica. Prevalendo-se mesmo do que se tem realizado nestes limites, e particularmente utilizando as contribuições da tecnologia social, a Universidade de hoje é um órgão indispensável à construção de uma nova ordem econômica-política. Ordem eminentemente democrática, a Universidade livre poderá levantá-la agora, utilizando as ciências do homem, sobre uma idéia real da natureza humana, e, portanto, sobre uma concepção objetiva do povo, con-

siderados assim todos os homens, detentores, não de simples direitos abstratos, mas de prerrogativas fundamentais da vida, praticamente asseguradas, e sem as quais — tenhamos certeza — nenhuma democracia poderá subsistir.”

.....

“Governo das maiorias, certo é que, mais cedo ou mais tarde, a democracia realizará o ideal da soberania popular. O fenômeno aí está configurado claramente, aqui como em todo o mundo, na agitação dos desfavorecidos. Fenômeno social que vem do século passado, alastra-se a ebulição reivindicativa dos povos, e as maiorias, anteriormente massas incoscientes e amorfas, organi-

zam-se agora, e desenvolvem um processo em que a prevalência dos impulsos institutivos tem gerado, para grandes nações, as mais amargas experiências de sua História.

Mas, seja como fôr, estamos em face de um acontecimento decisivo, e, porisso, o despertar das massas precisa ser profundamente considerado, para ser também racional e positivamente orientado, objeto da meditação e do estudo de homens esclarecidos, homens que saibam compreendê-lo e utilizá-lo em benefício de uma nova civilização universalista.

Tenho para mim que esta é uma das mais vivas missões ao mesmo tempo de educadores e estadistas. Função cultural de que não se pode eximir o Estado moderno, na consciência de todos os brasileiros há de estar, por certo, o reconhecimento dos esforços entre nós realizados, sob a inspiração do nosso grande Presidente, pela orientação do pensamento político das massas, afastando-as de qualquer filosofia sanguinária, e empenhando-as sobretudo na realização de objetivos brasileiros.

Com efeito, esta campanha não se tem limitado unicamente ao proletariado das cidades, mas, — perturbada aqui e ali pelos azares da política e pela vertigem dos nossos ritmos ritais, — esta campanha atingiu, inegavelmente, as mais distantes regiões do País, onde os poderes públicos, a partir do seu governo, passaram a empregar largos recursos em benefício de populações inteiramente abandonadas ou esquecidas.

Este pensamento, consubstanciado em planos e medidas, já no período anterior à guerra mundial, se aplicava em favor da educação e da saúde, e mesmo nos domínios da organização econômica e política do País. E tão sábias e oportunas se revelaram aquelas providências que, também no período presidencial seguinte, nesta pasta ainda não desdobrada, e honrado o seu exercício efetivo, sucessivamente, pelos eminentes brasileiros e meus diletos amigos, Professores Ernesto de Souza Campos e Clemente Mariani, prosseguiu vitoriosa a aplicação daqueles planos, ainda e sempre desenvolvidos e aperfeiçoados, até o ponto em que hoje se encontram, sob a forma de serviços e campanhas largamente produtivas. Era — senhores — uma nova mentalidade que se implantava no serviço público, a função governativa tencionalmente orientada no sentido do bem comum, e tão superiormente concebida que, mesmo uma alteração geral dos nossos rumos políticos, não conseguiu desordená-la.

Mas, impressionante, e às vezes até atordoante, é a complexidade dos nossos problemas. É que os problemas se multiplicam em número e volume, e a realidade que defrontamos é a de um sistema cujos recursos institucionais não permitem ao Governo agir com a rapidez e a precisão de movimentos particularmente necessários num país como o nosso, e que vai crescendo em ritmo que direi superior, talvez, às possibilidades de planejamento de suas élites.

Já empossado, o Ministro Edgard Santos recebe os cumprimentos do Chefe da Casa Civil da Presidência da República, Dr. Lourival Fontes.



Temos, assim, coexistentes, numa civilização quase tumultuária, os mais diferentes estágios do desenvolvimento humano. Temos, em algumas cidades, populações supercivilizadas — usufrutuárias dos benefícios do Estado — e temos, ao lado de povos selvagens, a realidade conflagradora de povos ditos “civilizados” mas que constituem, em verdade, ao longo do nosso vasto território, uma grande massa de degradados, perdidos nas mais tristes condições de vida. A solução deste problema que tem, como disse, merecido a preocupação do Governo, é prejudicado sempre pelo combate das incompreensões, mas corresponde, não há dúvida, a um programa de execução iniciada, e que precisa ser, de futuro, assegurada pela consciência de patriotismo e de justiça do nosso povo.

A este povo, que constitui no conjunto nacional o elemento decisivo e atuante, mister se faz lembrar e relembrar que ainda longe es-

tamos de constituir uma verdadeira comunidade nacional, fora da qual não existissem, incoscientes de sua própria dignidade e dos seus direitos, tantos e tantos brasileiros inatingidos pela função integrativa da educação e da cultura.

Pois há — convém lembrar — uma parcela da Nação que ainda não encontrou o seu legítimo destino, uma parcela silenciosa e paciente, melhor direi resignada ou sonâmbula. Parte esta, sem dúvida, recuperável e prestimosa. Parece-me, contudo, que a outra parcela não atentou, como devera, humanitariamente, para a solução do seu problema de modo a incorporar toda esta gente à comunidade nacional, e constituir, assim, o corpo da Pátria, íntegro e hígido em benefício comum da própria humanidade.

Esta é, sem dúvida, uma tarefa creio eu, antes de cultura que propriamente de educação. Porque é mister transformar em cultura a educação individual e individua-

lista ordinariamente fornecida ao povo, e imprimir-lhe, assim, força e direção construtivas, consciência da missão eminentemente social que lhe cabe desempenhar, e dos valores nacionais e universais que deveremos cultivar. Cultura, sim, antes que simples educação, porque é necessário reconhecer que a vida brasileira ainda não se organizou inteiramente em função do meio em que vivemos, tornando-se, pois, imperioso — a começar pelas elites — que o nosso povo adquira consciência plena de si mesmo, de suas peculiaridades materiais e psíquicas, e dedutivamente, de suas verdadeiras necessidades, possibilidades e deveres. Assim, a educação nacional deixaria de ser esse esforço essencialmente intelectualista e pouco produtivo, para

adquirir, profundamente, a significação de um trabalho realizado em vista de fins utilitários e clarividentes, e transportando-se, por este meio, aquela parte do nosso povo, da condição de "peso morto" em que vegeta, para a nobre condição — só por isto honrosa — de trabalhadores do Brasil. Trabalhadores dos campos e das cidades, dos laboratórios e das oficinas, no recesso das minas e no silêncio das bibliotecas em suas mãos, e em suas mentes, o potencial econômico do país converter-se-ia, rapidamente, em elemento de tranquilidade e bem-estar geral para a Nação. Cultura, sim, cultura brasileira, para daí se deduzir uma nova educação brasileira, um sistema organizado em vista, não de simples ambições individuais, mas, an-

O Vice-Presidente Café Filho felicita o novo titular da Educação e Cultura



Flagrante da cerimônia de transmissão do cargo, realizada no Ministério da Educação. No primeiro plano, a partir da esquerda, o Dr. Gildásio Amado, o General Caiaido de Castro e o Dr. Edgard Santos

tes de tudo, articulado com os superiores interesses e necessidades gerais do País.

Longe do teorismo quase místico da escola pela escola, há que indagar agora, em face da realidade de cada meio, quais os tipos de escola necessários a uma existência produtiva. Tipos de escola com que não se há de satisfazer talvez os caçadores de diplomas prestigiosos, mas escolas capazes de fornecer ao povo aqueles conhecimentos e habilitações com que cada cidadão, dentro de suas capacidades reais, poderá prestar bons serviços à Nação. Novas necessidades e exigências estão surgindo e, diante deste fenômeno, precisamos reconhecer que certos processos escolares se vão tornando caducos, inadequados ou inoperantes, e até mesmo perniciosos.

No que se refere ao ensino universitário, porque não mencionar as apreensões que nos assaltam, a nós que o conduzimos? De futo, entre outros problemas, uma clientela mal preparada e desorientada comparece, ano após ano, a forçar as portas das Universidades tradicionais, ou

a improvisar, à margem do sistema oficial, e mesmo dentro dele, um novo sistema de institutos. E casos até em que, nos limites do mesmo organismo universitário, escolas de mesmo tipo se multiplicam, denunciando essa estranha redundância, e insegurança dos critérios que, muitas vezes, adotamos.

Sabido é, com efeito, que temos escolas superiores — isto, para sermos realistas e sinceros — onde nem sempre se recomendam a eficiência dos cursos, ou a precária aparelhagem de que dispõem, ou finalmente, — o mais importante — o pessoal docente que reúnem, pela simples razão de que precisamos ultrapassar a fase do professor improvisado, sabido que é o professor — sua capacidade moral, intelectual e técnica — o elemento fundamental e decisivo de qualquer sistema pedagógico. Necessidade real de um povo que se expande, o ensino superior exige, como o ensino dos outros graus, a formação pedagógica dos mestres. A mesma deficiência que se apontou como determinante para a criação dos Institutos de Educação e Facul-

dades de Filosofia, também precisa ser considerada em relação aos cursos superiores. Formação pedagógica para os professores de todos os cursos, a fim de que possamos contar, nas Universidades e Escolas superiores, com estudantes bem ajustados à sua missão de estudar, pois, muitas e muitas vezes, o que se diz problema do estudante não é senão problema da função docente.

Por outro lado, não pode a Universidade prescindir de uma escolaridade fundamental perfeita, e afinal abandonar-se à mera função de substituí-la. Seria, neste caso, preferível que as nossas Universidades, transpondo os limites da magistade em que se encontram, abrissem as suas portas às várias e numerosas necessidades do povo, livres para a

criação oportuna, flexível e rigorosa de institutos menores, correspondendo, portanto, a estes anseios. Estes institutos forneceriam conhecimentos práticos e úteis em vez de fantasiosos diplomas, e, deste modo, estariam preservados da invasão da incompetência e da mediocridade, os institutos tradicionais de altos estudos.

Longe do que temos verificado, aqueles institutos superiores, exigentes, por natureza, de clientela rigorosamente selecionada, seriam frequentados somente, não pelos privilegiados da fortuna, mas por todos os jovens bem dotados, aqueles declaradamente capazes de assimilar alta cultura, e para os quais a assistência educacional a que se refere a nossa Lei Suprema, seria, na mais larga escala, praticada.

Isto, de fato, o que daria sentido essencialmente democrático à sistematização da educação nacional. Oportunidades de estudo e de preparação para a vida oferecidas largamente a todos os jovens segundo suas capacidades, e as necessidades do meio a que devam servir. E, para os moços excepcionais, abertas indefinidamente tôdas as portas do saber, de modo que o Brasil pudesse receber deles todo o serviço que lhes fôsse possível, às forças da inteligência e do caráter.

Hoje, quando nos queixamos tantas vezes da situação em que se encontra o ensino brasileiro, — sem podermos, com efeito, apontar, por isto, nenhuma responsabilidade in-

dividual, — uma afirmação podemos fazer, todavia, sem receio: é que esta situação não reflete, intrinsecamente, uma qualificação negativa de nossa massa estudantil. Devemos reconhecer que a mocidade não pode ser imediatamente indicada como fator da precária produtividade de nossas escolas.

Não tenho a menor dívida quanto à legitimidade desta afirmativa: a mocidade merece a confiança da Pátria. Ela jamais se revelou definitivamente hostil ou opositiva a quem se dedique com amor e competência aos ideais de sua formação. Por isso mesmo, professor e administrador escolar que tenho sido, — e evocando

a convivência carinhosa da mocidade universitária de minha terra — posso dizer-vos, nesta hora, que sempre confiei nos estudantes. Não poderia, portanto, ao assumir esta pasta, deixar de mencionar a colaboração da juventude estudantil como um dos esteios mais fortes da administração que hoje inicio.

De modo idêntico, não posso também esquecer os professores, esta classe, imensamente produtiva, — de um produto que, por ser invisível, não lhes grangeia o prestígio que deveriam merecer. Como colega e autoridade pública, manifesto-lhes aqui a minha solidariedade e as minhas esperanças.

Alguns dados sôbre o novo Ministro

Diplomado, em 1917, pela Faculdade de Medicina da Bahia, o Prof. Edgard do Rêgo Santos aperfeiçoou seus estudos em Paris e Berlim, frequentando cursos de especialização. Em 1927, após exercer o magistério em São Paulo, foi nomeado, por concurso, professor catedrático de Patologia Cirúrgica da Faculdade de Medicina da Bahia, estabelecimento de ensino do qual é Diretor, desde julho de 1936.

Criada, em 1946, a Universidade da Bahia, o Prof. Edgard Santos, escolhido em lista triplíce, foi nomeado seu primeiro Reitor, posto para o qual foi reconduzido em 1949 e em 1952. O novo titular da Educação foi, ainda, Diretor do Hospital Getúlio Vargas, ocupando atualmente as funções de Diretor Chefe do Serviço Médico da Real

Sociedade Espanhola de Beneficência, na Bahia. A sua atuação deve a Bahia o reaparelhamento dos seus estabelecimentos de ensino superior e a intensificação de suas atividades culturais, promovendo cursos e conferências das mais reputadas autoridades nacionais e estrangeiras — que nos visitam — bem como a construção do Hospital Getúlio Vargas, do Hospital das Clínicas, da Escola de Enfermagem e do Palácio da Reitoria e as obras, em vias de conclusão, da Faculdade de Ciências Econômicas, da Faculdade de Odontologia, da Escola Politécnica, da Faculdade de Filosofia e da Escola de Belas Artes. Por iniciativa sua, faz-se, hoje, na Bahia, a melhor assistência ao universitário, que dispõe de residência confortável e de restaurante amplo e higiênico.



Discursa o Dr. Edgard Santos

ENSAIO SOBRE A SITUAÇÃO DO ESTUDO DE FILOSOFIA NO BRASIL

MEDIANTE contrato assinado com a CAPES, o professor Roland Corbisier, do Instituto Brasileiro de Filosofia e Diretor da Divisão de Ação Social do Departamento de Cultura da Reitoria da Universidade de São Paulo, está realizando um ensaio sobre a situação do estudo de Filosofia do Brasil. Esse trabalho, iniciado em 15 de março deste ano, compreenderá as seguintes etapas: **a** — uma parte introdutória — apresentando um breve retrospecto sobre a história da Filosofia no Brasil; **b** — uma segunda parte — em que, com referência aos dados estatísticos e demais informações constantes do apêndice, será examinada a situação presente do estudo da Filosofia em nosso País; **c** — uma terceira e última etapa — na qual, de conformidade com os objetivos da CAPES, serão indicadas as providências tendentes a aperfeiçoar

A Filosofia no Brasil

A compreensão do estado atual da filosofia no Brasil, bem como a formulação de qualquer prognóstico em relação ao seu desenvolvimento futuro, implicam a elucidação prévia dos dados de que se compõe o problema, quer dizer, em primeiro lugar, a definição do ser ou da essência da filosofia e, em

e estimular o ensino e o estudo da Filosofia no Brasil.

O ensaio não terá, assim, apenas o caráter informativo, embora inclua, em anexo, informes sobre os Institutos, Escolas Faculdades e publicações de Filosofia no País. Sua realização será feita segundo um critério histórico-cultural, procurando situar o estudo e o ensino da Filosofia na circunstância concreta em que se exercem.

Após a realização do ensaio, poderá a CAPES, de acordo com as indicações por ele fornecidas, recomendar providências tendentes a estimular e aperfeiçoar o pessoal docente já consagrado ao ensino da Filosofia, ou colaborar na formação de centros de estudo ou de Escolas de Filosofia nas regiões que careçam de recursos próprios para fazê-lo.

Do ensaio em questão, como parte preliminar, é o trabalho que publicamos a seguir.

segundo, a descrição e a interpretação da circunstância brasileira, isto é, do contexto concreto em que essa essência se inscreve e se realiza. O presente ensaio se desdobrará, portanto, nos seguintes temas principais: filosofia e circunstância, a circunstância brasileira, história e prognóstico.

Filosofia e Circunstância. A indagação pelo ser ou pela essência da filosofia nos mostra que é impossível responder a essa pergunta dogmáticamente, partindo de uma prévia definição da filosofia. A pergunta se limita a circunscrever em loco, por assim dizer, o âmbito dentro do qual a resposta deverá ser formulada, sem nada prejudicar. no entanto, a respeito de seu conteúdo. Como poderíamos definir a filosofia se o pretendêssemos fazer não histórica mas dogmáticamente, tomando como conclusão o que só poderia ser ponto de partida ou hipótese de trabalho? Uma definição da filosofia que se pretendesse formular fazendo abstração da sua história, correria o risco de excluir de seu âmbito certas criações espirituais que pretendem ser ou não consideradas filosóficas. Tal definição seria incompleta ou insuficiente, pois não incluiria todo o definido. Não seria, portanto uma definição.

A rejeição do dogmatismo nos devolve ao concreto e nos leva a reconhecer que o pensamento, na expressão de Ortega y Gasset, é «o diálogo com a circunstância». O diálogo, porém, supõe aquele que dialoga, o sujeito humano, que se nos apresenta sempre imerso numa circunstância concreta de tempo e lugar, «situado e datado», e que é a raiz existencial do pensamento

filosófico. A compreensão da filosofia implica, assim, o esclarecimento da situação humana e a compreensão do homem como ser «em situação». O pensamento não é uma atividade que se exerce no abstrato por um sujeito também abstrato, mas, ao contrário, um ato vital, uma resposta formulada por um sujeito concreto a uma pergunta que lhe é dirigida, aqui e agora, pela circunstância que o envolve. A analítica existencial, como hermenêutica da existência humana, se revela assim como a condição de possibilidade de compreensão da filosofia.

Se o pensamento é «o diálogo com a circunstância», a sua elucidação só se poderá fazer mediante a análise, a interpretação dessa circunstância em que o pensamento se exerce. Abre-se, assim, a perspectiva de uma sociologia do saber ou do conhecimento, que se propõe descobrir as motivações circunstanciais que influem não só na determinação da forma mas também do conteúdo do pensamento. À luz desse critério torna-se possível compreender a estrutura das conexões que vinculam o saber às condições concretas, culturais e históricas, em que o sujeito humano se acha situado. Reagindo contra a tendência racionalista que nos leva a conceber as idéias como produtos auto-suficientes de

um sujeito abstrato e, por isso mesmo, intemporal, a sociologia do conhecimento procura restituí-lo à totalidade que o condiciona e explica, isto é, à cultura e à época em que esse sujeito viveu e pensou.

*

A Circunstância Brasileira. Antes de iniciar a análise da circunstância brasileira, cumpre indagar pela estrutura da «circunstância» em geral, quer dizer, de tudo aquilo que constitui o cenário no qual se desenrola a existência humana. Essa circunstância ou mundo apresenta duas dimensões principais: a natural e a cultural. «Natural» é tudo o que se acha presente na circunstância existencial do homem sem ter sido feito ou transformado por ele. São naturais, por exemplo, as pedras, as plantas, os animais etc. É cultural tudo o que resulta de uma interferência modificadora da imaginação e da liberdade humana. Poderíamos supor que a «natureza» nada tem a ver com a «cultura» e que apenas esta se acha incluída na história ou afetada de historicidade. Um exame mais atento do problema nos revela, no entanto, que também a «natureza», a idéia ou a visão que temos da natureza, é um produto cultural e histórico. Toda a «circunstância» humana está, pois, impregnada de história e só mediante a sua inserção na história pode ser compreendida.

Descrever e interpretar a «circunstância» brasileira é descrever e interpretar a cultura brasileira.

Mas, que se deve entender por cultura? No sentido objetivo e histórico, enquanto instância modeladora e formadora do indivíduo, a cultura é um conjunto orgânico de crenças, de valores, de ideais e de obras que, unificados em sua diversidade por uma só inspiração e um mesmo estilo, imprimem no indivíduo, no sujeito humano, a forma que representa e simboliza a sua alma. No sentido subjetivo, a cultura significa esses bens e valores enquanto assimilados por um sujeito e incorporados à sua personalidade. Quando nos referimos à cultura grega, por exemplo, empregamos a palavra no sentido objetivo e, no segundo, quando dizemos de Goethe que era um homem culto.

Os esclarecimentos anteriores permitirão interpretar a cultura brasileira e verificar, à luz de critérios sociológicos e históricos, a sua inautenticidade. A história de nossa cultura é, de um modo geral, um processo de alienação. Pelos motivos que serão apontados no ensaio, não temos sabido responder com originalidade às perguntas que nos são formuladas pela circunstância. Importamos as idéias como produtos acabados sem que se estabeleça entre elas e a nossa própria existência a relação de necessidade e de urgência que lhes poderia conferir autenticidade. Importamos não só as soluções mas também os problemas esquecendo-nos de que um problema só é realmente um problema quando se apresenta como um

obstáculo para alguém que efetivamente precise transpô-lo. Na ausência de ideais nacionais, de projetos comuns de existência coletiva, não podemos absorver e assimilar, incorporando-as ao nosso próprio ser, as influências estrangeiras a que somos submetidos. Não criamos um contexto cultural objetivo que fosse a expressão adequada de nossa alma, nem assimilamos a cultura estrangeira como se assimilássemos um alimento. A um fundo de torpor e de sonolência, temos sobreposto uma erudição desconexa, de valor puramente ornamental. Em tal circunstância, caracterizada pelo artificialismo e pela inautenticidade, deveremos finalmente situar a filosofia.

*

História e Prognóstico. Antes de formular um prognóstico sobre as possibilidades de desenvolvimento da filosofia no Brasil, é indispensável fazer um breve inventário do nosso passado filosófico, desde a época colonial até a fundação das recentes faculdades de filosofia. Esse retrospecto nos leva à conclusão da escassa importância da filosofia brasileira, caracterizada também pela alienação e pela inautenticidade. Não só não apresentamos pensadores ou filósofos originais, criadores de sistemas, de visões do mundo, como não temos sabido empreender o esforço que nos levaria a tomar consciência de nós mesmos, a decifrar o nosso ser nacional. Aprendemos a filosofia como se fosse uma ciência particular que se acrescentasse ar-

bitrariamente às demais matérias dos currículos escolares. Ou então a desprezamos, alegando a sua inutilidade. Os filósofos brasileiros, um Tobias Barreto, um Jackson de Figueiredo, um Farias Brito, são antes divulgadores e intérpretes do que filósofos, não chegando a alcançar significação universal. Tanto a escolástica do período colonial, quanto o germanismo da Escola de Retife ou o néo-tomismo das escolas católicas não passam de formas de alienação ao pensamento estrangeiro.

A situação atual se caracteriza porcionar. Além das faculdades de filosofia, nas quais essa disciplina é estudada com outro espírito e de uma nova perspectiva. Já se começa a compreender o valor da filosofia como «saber de formação», para usar a expressão de Max Scheler, e o filosofar como o esforço pelo qual o homem procura tomar consciência dêle mesmo e da cultura em que se acha situado. Já se procura a filosofia por si mesma, independentemente dos resultados práticos que possa proporcionar. Além das faculdades de filosofia, que institucionalizam oficialmente o seu ensino, surgem institutos livres cuja vitalidade é um sinal que já existe uma curiosidade, um interesse pela filosofia que até então não se verificavam no meio brasileiro. A celebração de congressos de filosofia, a publicação de revistas e de obras filosóficas, a realização de cursos livres com surpreendente afluência, são sintomas que autorizam a espe-

rança de uma reforma da inteligência brasileira. Rompemos com o sentido puramente livresco, literário de jurídico, de nossa formação e começamos a compreender a importância da história, da sociologia e da economia. isto é, das disciplinas que atendem à problemática do nosso tempo. Surgindo

IV CONGRESSO INTER-AMERICANO DE ENGENHARIA SANITÁRIA — SEMINÁRIO DE ENSINO DE ENGENHARIA SANITÁRIA

SOB o patrocínio da Comissão do IV Centenário de São Paulo e os auspícios da Associação Inter-Americana de Engenharia Sanitária, realizou-se este mês, na capital bandeirante, o IV Congresso Inter-Americano de Engenharia Sanitária. Os temas oficiais do conclave foram os seguintes: **a** — Planejamento, organização e administração dos Serviços de Engenharia Sanitária; **b** — Saneamento geral; **c** — Abastecimento de águas e sistema de esgotos; **d** — Tratamento de águas; **e** — Química sanitária e microbiologia; **f** — Ensino de Engenharia Sanitária.

Entre outras entidades e instituições convidadas, participaram do

como um imperativo da crise do mundo moderno, a reflexão filosófica vem atender à exigência de fundamentação radical do conhecimento e de recuperação do sentido da existência humana, procurando assim criar as condições que tornarão possível a restauração da cultura.

Congresso o Instituto de Engenharia de São Paulo, a Secretaria de Viação e Obras Públicas, a Secretaria da Agricultura, a Secretaria da Saúde e Assistência Social, a Prefeitura, o Departamento de Águas e Esgotos, o Departamento de Obras Sanitárias, a Escola Politécnica, a Faculdade de Engenharia e Saúde Pública e a Escola de Engenharia Mackenzie. Também se fizeram representar no conclave, através de delegações ou observadores, o Departamento Nacional de Saúde, o Serviço Nacional da Malária, o Serviço Nacional de Febre Amarela e outros organismos do Ministério da Saúde.

O Seminário

Paralelamente ao Congresso, realizou-se naquela capital um Seminário de Ensino de Engenharia Sanitária, este sob o patrocínio da CAPES, em colaboração com o Serviço Especial de Saúde Pública

(SESP) e o Instituto de Assuntos Inter-Americanos (IAAA).

O Seminário, inicialmente programado para 1953, teve os seus trabalhos orientados por professores e técnicos internacionais con-

vidados pelo SESP e pelo IAAA, neles participando professores e assistentes das cadeiras de Hidráulica e Hidráulica Aplicada, Higiene Geral, industrial e dos edifícios, Saneamento e Traçado das cidades, enviados por todas as escolas de engenharia do País.

Patrocinando o referido conclave, visou a CAPES proporcionar ao grupo de professores que a êle compareceram oportunidade para: **a** — intercâmbio de idéias a respeito dos métodos e materiais de ensino de Engenharia Sanitária; **b** — Estudo de métodos para melhor utilização das práticas de campo e dos trabalhos de laboratório em Hidráulica e Saneamento; **c** — participação experimental do emprêgo de tais métodos; **d** — preparação de relação de materiais e equipamentos de laboratório para o ensino de Hidráulica e Saneamento; **e** — familiarização com o uso de materiais de ensino, tais como livros de texto, revistas, filmes, diapositivos e gráficos, e seleção dos métodos mais indicados para o ensino da Engenharia Sanitária; **f** — estímulo à consciência da contribuição que a Engenharia Sanitária e a Saúde Pública precisam trazer ao progresso do País.

O programa do Seminário incluiu, entre outras atividades, as seguintes: **a** — palestras realizadas por professores das diversas especialidades, sobre determinados assuntos cujo ensino tenha despertado especial interesse ou métodos através dos quais tenham sido obtidos resultados dignos de nota — seguindo-se a essas palestras discussões em torno da utilidade que as idéias nelas explanadas pudessem apresentar para os professores participantes e para o ensino em geral; **b** — estudo e elaboração de métodos adequados à boa apresentação do material de ensino, a cargo de comitês especialmente organizados, pelos quais se distribuíram as diversas partes dos programas das cadeiras consideradas; **c** — demonstrações sobre métodos de ensino, através de trabalhos de campo, exercícios de laboratório e resolução de problemas práticos; **d** — oportunidades para aplicação de tais métodos; **e** — realização de palestras e discussões sobre os meios de se intensificar o trabalho de Engenharia Sanitária no Brasil e sobre a repercussão que isso teria sobre o progresso do País; **f** — elaboração de circunstanciado relatório sobre a reunião.

Os quatro primeiros lugares registrados na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, pela turma concluinte de 1953, foram alcançados pelas alunas Hermínia P. Correia — 9,73; Lenir Mathias — 9,57; Maria Adelaide G. Borges — 9,50; e Elga Maria Mazzarolo — 9,39.

UNIVERSIDADE DO RECIFE

(Bolsas de estudo para especialização em Anatomia Geral)

A Universidade do Recife promoverá, em agosto deste ano, um curso de especialização em Anatomia Geral (macro e micro-anatomia). O curso será ministrado pelo professor italiano Paulo Contu, catedrático das Universidades de Roma e Bolonha, e contratado pela Universidade do Recife para permanecer no Brasil durante dois anos, no mínimo.

A Universidade está oferecendo bolsas de estudo a assistentes qua-

lificados das Universidades do Rio Grande do Sul, do Paraná, de Minas Gerais e da Bahia, bem como aos das Faculdades de Medicina de Maceió, João Pessoa, Fortaleza e Belém. A concessão dessas bolsas será feita na base de uma suplementação dos vencimentos dos assistentes das referidas instituições, compreenderá o período de um ano e só será autorizada para regime de tempo integral.

NOTÍCIAS DIVERSAS

Curso anual do Serviço de Radioterapia

Em agosto próximo, no Hospital dos Servidores do Estado, será realizado o Curso anual do Serviço de Radioterapia, que será orientado pelo Dr. Renato Sodré Borges e contará com a participação de especialistas estrangeiros. A aula inaugural será proferida pelo Prof. A. Lacassagne, no dia 3, às 9 horas.

Além do Prof. Lacassagne, também colaborarão no Curso os pro-

fessores R. Latarget, sub-diretor do Instituto de Radium, que realizará três conferências; F. Baciense, chefe do Serviço da Fundação Curie, com quatro conferências programadas; e M. Tubiana, chefe do Serviço de Isótopos do Instituto «Gustave Roussy», que fará duas conferências. Outros cientistas igualmente convidados, são os Drs. Mc Wouther, de Edinburgo; Haddow, de Londres; e J. Beau, de Paris.

Por decisão do Conselho Universitário da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, foi recentemente criado o Instituto de Ciências Políticas, que se destina ao desenvolvimento dos estudos e pesquisas no campo das ciências sociais.

Cientistas estrangeiros em visita ao nosso País

Pelo Almirante Álvaro Alberto, Presidente do Conselho Nacional de Pesquisas, e pelo Conselho Deliberativo dessa Instituição, foram recebidos, este mês, em visita de cordialidade, os professores Emílio Segre, físico italiano e atual professor do Instituto de Pesquisas Nucleares de Berkeley, e Arne Lundbly, cientista sueco que gozou de prestígio internacional como especialista em física nuclear aplicada. Os referidos mestres foram apresentados aos membros do Conselho Nacional de Pesquisas pelo professor Cesar Lattes, atual Diretor Científico do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas, que os convidou para lecionar em cursos especializados dessa Instituição.

Extensão universitária do Instituto de Psicologia Aplicada da P.U.C. do Rio de Janeiro

Promovido pelo Instituto de Psicologia Aplicada da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, será realizado, em agosto e setembro próximos, um curso de extensão universitária sobre «Problemas de Psicopatologia da Infância e Adolescência». A cargo do professor J. A. Garcia, o curso constará de sete preleções e será desenvolvido no anfiteatro do 10º

pavimento da Policlínica Geral do Rio de Janeiro. São os seguintes os assuntos programados: Os problemas do desenvolvimento psíquico; Os problemas dos distúrbios da linguagem; As epilepsias da infância e da puberdade; Os problemas dos distúrbios da conduta; Os problemas dos menores perversos e pervertidos; Os problemas das neuroses; Os problemas da regressão nos menores.

Instituto de Higiene e Saúde Pública do Nordeste

Por iniciativa da Faculdade de Medicina da Universidade do Recife, será criado o Instituto de Higiene e Saúde Pública do Nordeste, destinado a formar médicos e engenheiros sanitaristas e técnicos em saúde pública.

I Congresso Latino-Americano de Saúde Mental

Entre os dias 17 e 22 deste mês, realizou-se em São Paulo o I Congresso Latino-Americano de Saúde Mental, dele participando cerca de quatrocentos delegados, do Brasil e do estrangeiro. As quatro sessões plenárias compreenderam debates dos seguintes temas oficiais: Psiquiatria Social — «Aspectos psiquiátricos dos imigrantes»; Medicina Psicossomática —

«Psicogênese das úlceras pépticas»; Terapêutica Psiquiátrica — «Estado mental dos leucotomizados»; Psicanálise — «Psicodinamismo do processo analítico».

Para apresentação e discussão dos temas livres, as mesas redondas, em número de dez, tiveram a seguinte distribuição: primeira — Alcoolismo; segunda — Epilepsia; terceira — Ensino da Psiquiatria; quarta — Hospitais Psiquiátricos; quinta — Medicina Psicossomática; sexta — Psicanálise; sétima — Psiquiatria e Higiene Mental Infantil; oitava — Psiquiatria Forense; nona — Terapêutica Psiquiátrica; décima — Serviço Social e Enfermagem Psiquiátrica.

A Comissão Executiva do Congresso, que foi realizado na Clínica Psiquiátrica do Hospital das Clínicas de São Paulo, foi presidida pelo Dr. A. C. Pacheco e Silva, sendo seus demais membros os Drs. Durval Marcondes, Fernando de Oliveira Bastos e Pedro Augusto da Silva, vice-presidente; J. Carvalhal Ribas, 1º secretário; Paulo de Camargo, 2º secretário;

Aristóteles Cardo, tesoureiro; e Afonso Sete Júnior, Darci de Mendonça Uchoa, João de Sousa Coelho, Spartaco Vizzotto e T. A. Collet.

Escritório Técnico de Agricultura

Pelo Presidente da República, foi assinada mensagem a ser enviada ao Congresso Nacional, com o respectivo projeto de lei, autorizando a abertura de crédito especial de quarenta milhões de cruzeiros, que serão destinados à cobertura da despesa com o pagamento da contribuição do Governo brasileiro para a manutenção do Escritório Técnico de Agricultura.

O referido escritório, que será mantido por fundo comum, formado pelas contribuições anuais dos governos do Brasil e dos Estados Unidos, terá por objeto assegurar a continuação dos auxílios fornecidos pelo extinto Ponto IV e dar prosseguimento à execução das atividades que forem julgadas da maior importância para o desenvolvimento de nossa economia agrícola.

A CAPES recebeu, no mês passado, 31 publicações, 27 das quais sobre Universidades. Destas, 12 são dos Estados Unidos, 5 da Inglaterra, 3 da Itália, 3 da França, 2 do Canadá e 2 da Alemanha.

I Congresso Brasileiro de Medicina Militar

Sob o patrocínio da Comissão do IV Centenário da Fundação de São Paulo, realizou-se este mês, na capital desse Estado, o I Congresso Brasileiro de Medicina Militar, certame organizado pela Academia Brasileira de Medicina Militar.

Os temas oficiais do conclave, que foi presidido pelo Marechal Emmanuel Marques Pôrto, tiveram a seguinte distribuição: I — O Serviço de Saúde nas operações combinadas; II — Transporte aéreo dos doentes e feridos, indicações e contra-indicações; III — Estudo da produção em massa do sangue e seus substitutos; IV — Recuperação dos mutilados do aparelho locomotor — aspecto social; V — Padronização, produção e estocagem dos medicamentos para a guerra; VI — Organização e funcionamento dos Serviços de Saúde nas operações navais; VII — Assistência odontológica nas operações de guerra; VIII — Normas terapêuticas nos ataques atômico, bacteriológico e químico; IX — Racionalização do recrutamento, aperfeiçoamento e acesso dos integrantes dos Serviços de Saúde das Forças Armadas.

II Congresso Latino-Americano de Obstetrícia e Ginecologia

No auditório da Associação Paulista de Medicina, teve lugar, este mês, a realização do II Congresso Latino-Americano de Obstetrícia e Ginecologia, aí realizando-se, ao mesmo tempo, o IV Congresso Brasileiro de Obstetrícia e Ginecologia.

A sessão inaugural foi presidida pelo Governador do Estado, Prof. Lucas Nogueira Garcez, e dela participaram, além de S. Excia., os professores J. Medina, Presidente dos Congressos; Alípio Correia Neto, Secretário de Higiene e Saúde Pública da Prefeitura de São Paulo; Maria Carmelita Garcez, Presidente da Legião Brasileira de Assistência (Secção de São Paulo); Ayres Netto, membro da Comissão Nacional; Arnaldo de Moraes; Benedito Montenegro, Presidente da Associação Paulista de Medicina; Padre Saboia de Medeiros, W. de Souza Rudge, A. Francisca Martins, José Gallucci e Pedro Ayres Neto, membros da Comissão Organizadora. Também participaram da Mesa Diretora representantes de doze países filiados à Federação Latino-Americana das Sociedades de Obstetrícia e Ginecologia.

A CAPES tem por fim a promoção de medidas destinadas ao aperfeiçoamento do ensino universitário e à melhoria, em qualidade e quantidade, do quadro de profissionais de nível superior do País.